

Nea Onnim: Caminhos possíveis para alcançar uma educação física antirracista

Gabriel Lima da Conceição Ribeiro¹

Biratan dos Santos Palmeira

Instituto Federal do Pará, Campus Belém, Belém, Brasil

RESUMO

Este artigo investiga práticas pedagógicas de professores de educação física da rede municipal de Belém, com o objetivo de identificar caminhos para uma educação física antirracista. A partir de uma abordagem qualitativa, foram levantados dados que revelam desafios como o racismo recreativo, a ausência de formação docente específica e o desmonte de políticas públicas. Apesar das dificuldades, os docentes apontam o diálogo, o uso intencional de práticas corporais e a valorização das culturas africanas e indígenas como estratégias viáveis. O estudo destaca a necessidade de apoio institucional e continuidade das pesquisas para consolidar uma educação física comprometida com a equidade racial.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Educação Física antirracista; Formação de professores; Escola pública; Antirracismo.

ABSTRACT

This article investigates the pedagogical practices of physical education teachers in the municipal school system of Belém city, in the state of Pará, with the aim of identifying ways to promote anti-racist physical education. Using a qualitative approach, data was collected that reveals challenges such as recreational racism, the lack of specific teacher training, and the dismantling of public policies. Despite the difficulties, teachers point to dialogue, the intentional use of physical practices, and the appreciation of African and Brazilian indigenous cultures as viable strategies. The study highlights the need for institutional support and continued research to consolidate physical education committed to racial equity.

Keywords: School physical education; Anti-racist physical education; Teacher education; Public school; Antiracism.

1. Introdução

As criações das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que obrigam o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar em todas as disciplinas, com o objetivo da educação para as relações étnico-raciais, são grandes vitórias para uma educação libertadora de estigmas sociais racistas reproduzidas na Educação Nacional.

Entretanto, a compreensão de Almeida (2019) que evidencia que o racismo está interligado na organização da sociedade, faz entender que a aplicação dessas leis no currículo e realidade escolar ainda são, mesmo após 20 anos, um grande desafio. Essa instigação nos faz crer que uma educação antirracista não será realizada, apenas, por existir leis que a promovam, a educação antirracista provém do educar, com intenção, não só os alunos, mas toda a comunidade escolar, para que assim possamos crer numa sociedade antirracista.

A educação física é tratada como um fator de vivência de diferentes práticas corporais, culturais e sociais no ensino básico, a qual estabelece em suas competências, enquanto componente curricular, metas como: conhecer a cultura do movimento, ampliar práticas corporais, identificar preconceitos e discutir discriminação, e reinterpretar valores. (Brasil, 1997, 2018)

¹ Endereço de contacto: Instituto Federal do Pará, Campus Belém, Avenida. Alm. Barroso, 1155 - Marco, Belém - PA, 66093-020, Brasil.

Endereço de e-mail: profgabriel96@gmail.com

Nobrega (2020) pontua que a educação física é viável e eficaz para o combate às discriminações, desigualdades e o racismo, com a introdução da cultura e saberes da comunidade negra, incrementando uma formação educacional diferente do modelo homogeneizante. Superando também suas máculas históricas de perspectiva eugênica, higienista e militarista abordadas por Soares (1994).

No entanto, são necessários avanços e intenção para uma educação física antirracista de fato, visto que o trabalho com esse tema apenas de forma transversal ou pincelada, contribui para manutenção do racismo e imobiliza e silencia ações antirracistas na educação física, ocasionando assim a discussão desses temas, brevemente, em datas comemorativas, em eventos escolares ou quando a temática está em ênfase na sociedade por algum caso grave de racismo (Brasil, 2004; Corrêa & Rodrigues, 2021).

Em meio ao desmonte de políticas públicas voltadas ao antirracismo na cidade de Belém, a desarticulação do Departamento de Educação Física (DEEF) da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Belém (SEMEC) e a pluralidade dos docentes de educação física, em formação, cultura e visão de mundo (Formoso et al., 2022), mas com a necessidade de enfrentamento ao racismo de forma eficaz e sólida, dentro da educação física, cabe a este trabalho se firmar nas palavras de Galeano (2000, p. 187) onde diz que “a primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la”, e se complementa com o provérbio do povo Akan, da África Ocidental, “*Nea onnim no sua a ohu*”², que significa “aquele que não sabe, pode saber pela aprendizagem” (Afro & África, 2012).

Deste modo, este artigo busca, como objetivo geral, identificar caminhos para uma educação física antirracista na SEMEC e como objetivos específicos: a) investigar as práticas pedagógicas antirracistas dos docentes de educação física da educação municipal da cidade; b) distinguir os problemas e dificuldades dos docentes em meio à educação física antirracista; c) elaborar formas de aplicar uma educação física antirracista diante das dificuldades identificadas.

O estudo está organizado em cinco seções. Na primeira, apresentamos a fundamentação teórica sobre a educação física antirracista e sua relevância para uma educação antirracista na educação municipal de Belém; em segundo os instrumentos para produção das informações e resultado do trabalho; em seguida a discussão sobre os discursos dos discentes de educação física que foram entrevistados; e por fim, apresentamos as considerações finais do estudo e as referências, onde consta o aporte teórico desta pesquisa.

2. Fundamentação teórica

A necessidade de a escola ser uma aliada aos enfrentamentos do racismo, em suas diferentes formas, é urgente, e o seu retardamento pode fazer com que o ambiente continue sendo o lugar onde mais ocorre racismo, onde a maioria dos professores, sejam brancos ou negros, já presenciou casos entre alunos, mas que ainda assim possuem dificuldades e desconhecimento na forma de lidar com o racismo dentro da escola (Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista [SETA], 2023).

Carine (2023) pontua ainda que:

A escola é um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. Nesse sentido, a escola precisa ser uma forte aliada no enfrentamento das opressões estruturais, fundamentalmente o racismo. (p. 147)

Ademais, houveram melhorias nas escolas para enfrentar o racismo, conforme a pesquisa³. No entanto, é necessário agir com mais firmeza para garantir que o ambiente seja seguro e antirracista, visto que 81% dos entrevistados concordam que o Brasil é racista, mas apenas 11% admitem ter atitudes racistas, esses dados alertam e corroboram com a citação de Ana Paula Brandão, onde afirma que “a escola é um microcosmo que reproduz o ambiente em que vivemos na sociedade como um todo” (Globo - G1, 2023).

Neste aspecto reside o paradoxo da instituição escolar brasileira, que ao mesmo tempo em que atuou perpetuando desigualdades diante do silêncio e da estagnação frente ao sistema de discriminação racial,

² Símbolo do conhecimento, da educação através da vida e da contínua busca pelo saber.

³ Pesquisa “Percepções sobre o racismo no Brasil” (IPEC, 2023) ouviu 2 mil pessoas em 127 municípios do país. O estudo, encomendado pelo Instituto Peregum e Projeto SETA, tem abrangência nacional e margem de erro de 2 pontos.

ela tem um papel preponderante de transformação e de atuação no sentido de projetar uma sociedade justa, equânime e solidária. (Corrêa & Rodrigues, 2021, p. 296)

É importante salientar ainda que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) é um documento que silencia e inviabiliza o ensino e prática da educação étnico-racial, como enfatizam os trabalhos de Cunha et al. (2022), Santos (2022), Silva e Silva (2021). Nobrega (2020, p. 15) pontua ainda que “a educação das relações étnico-raciais é um tema que integra o projeto de direitos humanos; porém, os discursos dos direitos humanos não têm como modelo os sujeitos representativos da zona do não ser.”

A construção e execução de uma educação física antirracista é uma refutação histórica ao racismo velado e ignorado na base e componente curricular, nos professores, e no sistema educacional. Tendo em vista que, para a construção desta almejada transfiguração, é necessário adotar práticas pedagógicas antirracistas, bem como um direcionamento da gestão educacional para formações continuadas dos professores e mudanças no currículo escolar, como fala a obra de Sanches e Venâncio (2022), onde trás os conceitos sobre a necessidade de os professores serem antirracistas para gerarem um esforço coletivo por justiça social em meio a sociedade velada aos mais diversos tipos de preconceitos.

Urge a necessidade do contraponto em todas as estruturas por uma sociedade antirracista (Almeida, 2019). A obra de Nobrega (2020), impulsionou uma questão construída nas aulas da graduação e que se estendeu nas vivências em sala de aula: Onde está o empretecimento da educação física? Como fazer isso diante de uma sociedade racista e de um sistema corrompido? Tais indagações ganham forças com os questionamentos da autora:

E a presença da raça como categoria de análise nos propõe outras questões, por exemplo: percebemos a relevância da representatividade do docente negro? Será que há na educação física uma íntima discussão sobre as relações antirracistas? Se há, pode-se afirmar que os docentes de educação física têm contribuído com a promoção da educação antirracista?. (Nobrega, 2020, p. 54)

Nobrega (2020, p. 54) ainda pontua, fortemente, que “o racismo à brasileira, ainda, é interpretado enquanto tema qualquer, vazio de política, que pode ser adiado”. Exemplo disso, foi o desaparecimento da Coordenadoria Antirracista de Belém (Coant), criada em 2023, após a posse da nova gestão municipal, sem debate público e transparência, assim como o apagamento da Coordenadoria de Educação para as Relações Étnico-Raciais (Coderer), responsável por expandir a educação antirracista na capital paraense, promovendo formação permanente para professores, coordenadores e diretores, além de ter promovido em 2024, o I Seminário Municipal de Educação Antirracista (Miranda, 2024a, 2024b; Oliveira, 2022; Ponto de Pauta, 2025b).

Vale ressaltar que a nova gestão municipal tem feito um grande desmonte na educação nos primeiros meses de mandato, como exemplos a extinção da Fundação Escola Bosque, o desmonte do Centro de Formação de Professores Paulo Freire, fim dos projetos de leitura e informática, a exclusão de livros didáticos de autores paraenses e a retirada de direitos dos profissionais da educação, além da nova composição de secretários e coordenadores municipais ser composta de maioria branca e masculina, indo na contramão dos grupos historicamente excluídos e silenciando, mais uma vez, a luta antirracista na cidade (Alvarez, 2025; Ponto de Pauta, 2025a, 2025c; Portal Olavo Dutra, 2025; Wilkerson & Bordallo, 2025).

É importante pontuar ainda que, a cidade de Belém é uma das poucas capitais do Brasil a constituírem um Estatuto da Igualdade Racial, pela lei municipal nº 9.769/2022, que busca a efetivação dos direitos raciais, além de ser pioneira em incluir o estudo da raça negra na formação sociocultural brasileira, no currículo escolar municipal (Belém, 1994, 2022).

Considerando estas constatações, chegou-se às questões geradoras do problema de estudo: De que forma as práticas pedagógicas antirracistas estão inseridas no contexto dos docentes de educação física? Quais são os problemas e dificuldades para trabalhar a educação física antirracista? Quais os caminhos possíveis para uma educação física antirracista diante dos problemas apresentados?

Diante das questões colocadas, o principal objetivo foi descrever a realidade apresentada pelos professores de educação física no cenário antirracista dentro de sua prática pedagógica, compreendendo as características pessoais e profissionais dos participantes do estudo, buscando meios de identificar caminhos para uma educação física antirracista na SEMEC.

3. Método e resultados

Para responder ao problema de estudo, foi utilizado, em sua metodologia, uma abordagem qualitativa, a qual viabiliza analisar diversos fenômenos dos seres humanos e suas relações sociais, e também se caracteriza como pesquisa exploratória, proporcionando maior familiaridade com o problema, fazendo uso de instrumentos para produção das informações ao investigar como são as práticas pedagógicas antirracistas dos docentes de educação física da rede municipal de educação de Belém, em entrevista semiestruturada, via *Google Forms*, afim de buscar respostas novas e imprevistas, sem hipóteses prévias, por meio da análise temática e do discurso (Dias & Mishima, 2023; Gil, 2008; Godoy, 1995; Leitão, 2021).

O formulário foi dividido em quatro partes: dados pessoais, práticas antirracistas nas aulas de educação física, ações da gestão escolar e obras literárias antirracistas. Houve 9 participantes da pesquisa, todos docentes da rede municipal de Belém no ano letivo de 2025, sendo 55,6% mulheres e 44,4% homens, com idades entre 25 e 65 anos. Quanto a formação em educação para relações étnico-raciais, 55,6% não possuem qualificação específica. Já 44,4% têm pós-graduação na área, mas nenhum relatou ter feito capacitação ou aperfeiçoamento.

Quanto suas atuações na SEMEC, 77,8% dos docentes são concursados e 22,2% contratados. A maioria atua no ensino fundamental I (88,9%), seguida do fundamental II (22,2%) e da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) (33,3%). Quanto à lotação, 11,1% trabalham em uma escola, 55,6% em duas, 22,2% em três e 11,1% em quatro. Sobre o papel da educação física no debate antirracista, 88,9% consideram viável e 11,1% parcialmente; além disso, 77,8% já presenciaram situações de racismo em aula.

Sobre as estratégias que são utilizadas para promover a igualdade racial e combater o racismo em suas aulas de educação física, o diálogo foi o método mais apresentado nessas ocasiões, segundo os entrevistados, com rodas de conversa, intervenções em meio a situações de racismo nas aulas e a busca pelo respeito entre todos.

A outra possibilidade defendida foi o debate e a discussão direta da temática dentro da educação física, seja com a ideia de que a educação física existe para todos, como também a abordagem dentro das temáticas de aula.

Trazendo discussões sobre o tema durante a abordagem dos conteúdos como os negros no esporte e casos de racismo sofridos por atletas, a importância da realização de jogos e brincadeiras africanas e conversando com os alunos quando ocorrer alguma situação de racismo, as vezes inconscientemente, durante as aulas. (Participante 4)

Quanto a quais temas e/ou conteúdos é possível falar sobre antirracismo nas aulas de educação física, alguns entrevistados mencionaram as danças, ginásticas, lutas, jogos, esportes e brincadeiras como possibilidade de falar sobre o antirracismo nas aulas de educação física.

Ademais, foi pontuado com destaque, o futebol, tendo a possibilidade de focar nos diversos casos de racismo em que acontecem diariamente no esporte, seja dentro ou fora de campo. Outra colocação foi da possibilidade da utilização de jogos de origem africanas e indígenas em datas referentes a cultura africana, como o dia da consciência negra. 44,4% dos entrevistados pontuaram que em todas as temáticas e conteúdos de educação física são possíveis de falar sobre antirracismo.

Ao serem indagados como lidar com situações de conflito ou discriminação racial em suas aulas de educação física, assim como nas estratégias das quais são utilizadas para promover a igualdade racial e combater o racismo, o diálogo é a forma como todos os entrevistados lidam quando ocorrem situações de conflito ou discriminação racial nas aulas de educação física.

Este diálogo pode ser caracterizado de diversos modos, como conversas diretas entre os alunos envolvidos e/ou a classe toda, o esclarecimento de que as piadas e “brincadeiras” na verdade são uma forma de racismo, chamada de racismo recreativo e que não deve ser tolerado, além de advertências aos alunos infratores.

Como exemplo, a resposta do participante 2: “Reflexão entre os membros envolvidos. Destacando o respeito à pluralidade e enfatizando as consequências de não adotar uma postura integradora”.

Um dos entrevistados pontuou nunca ter vivenciado uma situação específica, mas que aborda a temática com discussão sobre preconceito e desigualdade no geral.

Quanto aos principais desafios que enfrentam ao implementar práticas antirracistas nas aulas de educação física, os entrevistados pontuaram diferentes problemáticas vivenciadas em suas realidades, e por meio da análise temática (Dias & Mishima, 2023), na tentativa de dialogar com os fenômenos e subjetividades apresentadas na investigação, foi possível destacar três conjuntos de desafios que estão diretamente relacionados, para compreender os participantes da pesquisa: a) Alunos; b) Comunidade escolar e Família e c) Administração escolar e pedagógica;

a) Alunos

Com respeito aos alunos, foram relatadas a necessidade do entendimento e compreensão entre eles para a gravidade do racismo no cotidiano e na sociedade, e a importância da luta antirracista. A personalidade dos alunos tem sido um grande problema também, pela insignificância dada com respeito ao tema, e a insistência no racismo recreativo praticado por alguns.

b) Comunidade escolar e família

As objeções dentro dessa categoria estão concentradas no preconceito apresentado pela própria família dos alunos e da comunidade escolar as práticas e temáticas das culturas africanas e indígenas apresentadas na escola, com questionamentos e resistências contra a temática.

c) Administração escolar e pedagógica

Dentre as problemáticas apresentadas nessa categoria, destaca-se o Projeto Político-Pedagógico (PPP) desatualizado, o qual permite pouco acesso a um planejamento voltado à temática antirracista dentro do ambiente escolar, foram pontuadas também a necessidade de atividades conjuntas da escola, além das aulas de educação física, a falta de material e estrutura física, e a falta de formação docente em relações étnicas raciais.

No terceiro momento, 66,7% dos docentes disseram conhecer a Coderer/SEMEC e 55,6% já participaram de suas programações. Sobre a gestão 2020-2024, 77,8% relataram formações contra o racismo e 55,6% receberam capacitação específica em educação física antirracista. Já na atual gestão, nenhum professor relatou formações nos três primeiros meses.

Pensando nas escolas onde trabalham, perguntados sobre às reuniões pedagógicas, 55,6% afirmaram que o debate antirracista não é comum, enquanto 44,4% disseram que sim.

E quanto a programações específicas sobre o combate ao racismo e a igualdade racial, 88,9% dos entrevistados afirmaram que a escola realiza eventos dessa temática principalmente em datas relacionadas, como o dia da consciência negra, dia da abolição da escravidão no Brasil, dentre outras. 11,1% informaram que não ocorre programações específicas sobre o tema, e 0% informou sobre realizações de eventos específicos da temática além das datas relacionadas a temática antirracista.

No questionamento sobre currículo, foi perguntado se a temática antirracista está presente no documento da escola onde trabalha ou no currículo da SEMEC, onde 55,6% concordaram, 22,2% concordaram parcialmente e 22,2% ficaram neutros quanto a indagação. E ao serem perguntados se a temática antirracista deve ser tratada como essencial no currículo da escola trabalhada ou no da SEMEC, 66,7% concordaram e 33,3% concordaram parcialmente.

No papel de professores de educação física, foi questionado o que se espera da gestão escolar e municipal no combate ao racismo e a igualdade racial. As respostas dos entrevistados giraram em torno de formações continuadas e capacitações específicas sobre o antirracismo e a igualdade racial, ações dentro das escolas para toda a comunidade escolar, disponibilidade de acervo bibliográfico específico sobre a temática e a valorização dos profissionais de educação física. Como exemplo, a fala do participante 6: *“Práticas eficazes, compartilhamento de matérias adequados a temática, e formações”*.

Na última etapa, como forma de pesquisa e também de compartilhamento de informação, foram apresentados aos professores alguns livros da temática antirracista relacionados as realidades da educação, da educação física e da sociedade. Conforme a Tabela 1, foram indicados 6 (seis) obras das quais os

professores tinham que assinalar as seguintes opções referentes a leitura desses livros: a) Eu conheço e já li; b) Eu apenas conheço; c) Não li/não conheço.

Tabela 1. Relação do Conhecimento dos Participantes com as Obras Apresentadas

Livro:	Autora, autor ou autores:	Respostas dos participantes		
		Eu conheço e já li	Eu apenas conheço	Não li/não conheço.
Como ser antirracista	Ibram X. Kendi	0%	22,2%	77,8%
Como ser um educador antirracista	Bárbara Carine	0%	33,3%	66,7%
Educando crianças antirracistas	Bárbara Carine	22,2%	44,4%	33,3%
Não basta não ser racista, sejamos antirracistas	Robin Diangelo	11,1%	33,3%	55,6%
Pequeno Manual Antirracista	Djamila Ribeiro	44,4%	22,2%	33,3%
Perspectiva negra na educação física	Carolina Nobrega (Org.)	11,1%	11,1%	77,8%

Fonte: Elaborada pelos autores de acordo com as respostas no formulário.

4. Discussão

A busca de modificar a realidade coexiste com o uso da persistência e inteligência para alcançar o êxito, as práticas pedagógicas dos entrevistados diante do contexto, dos problemas e das dificuldades apresentadas para trabalhar a educação física antirracista nos permite a enxergar caminhos possíveis a seguir e persistir. Diante dos resultados, concentraremos a discussão em três pontos que dialogam e possibilitam caminhos possíveis: prática pedagógica; formação e gestão.

As práticas pedagógicas dos docentes de educação física da SEMEC estão alicerçadas no ensino fundamental, o componente, segundo a (BNCC) (2018), fomenta nas unidades temáticas, dimensões de conhecimento, visto que as práticas motoras promovem aos estudantes lógicas intrínsecas, sendo oito delas: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário. A partir disso e para além do documento normativo, vemos que as ações dos professores utilizadas em prol da promoção da igualdade racial e do combate ao racismo podem ir além do diálogo, o enfrentamento ao racismo pode estar intrinsecamente nos elementos fundamentais comuns às práticas corporais.

O movimento corporal, a organização interna e o produto cultural podem ser usados propositalmente para alcançar esse diálogo de forma contundente nas práticas corporais, Carine (2023) pontua que as nossas práticas antirracistas devem ter intencionalidade, logo, cabe o uso dessa intenção nas práticas corporais, em sua totalidade.

O uso do diálogo fora muito lembrado pelos participantes em decorrência de situações de conflito, discriminação racial, racismo recreativo e de forma de combate ao racismo, Moreira (2019) destaca que essas falas não surgem espontaneamente, elas são produtos culturais provenientes da sociedade. A maioria dos entrevistados presenciaram situações de racismo em suas aulas, o que corrobora com a pesquisa nacional da SETA (2023). Proporcionar um ambiente antirracista na escola também é fundamental para a quebra desse paradigma social, assim como nas aulas de educação física.

As falas sobre os desafios que enfrentam ao implementar as práticas antirracistas nas aulas de educação física concentram os maiores pesos desses profissionais, é aqui que conseguimos enxergar por onde os caminhos possíveis precisam perpassar e como as dificuldades estão interligadas.

Em uma sociedade em que o racismo está interligado na sua organização, a falta de compreensão e da gravidade do racismo para os alunos está intrinsicamente ligado ao preconceito apresentado pelas famílias com as abordagens antirracistas na escola. Modificar isso, por meio da escola, consiste também em trazer essa educação antirracista de forma integral, tendo em vista que todos que compõem a comunidade escolar são educadores para os alunos, logo, as reuniões com os pais devem também conter formações para elucidar sobre as culturas africanas, indígenas, equidade racial e a luta antirracista em todas as suas formas, afim de alimentar essa ideia também no ambiente familiar desse aluno (Almeida, 2019; Carine 2023).

Entretanto, cabe a direção escolar e/ou geral da SEMEC estabelecer modos eficazes e intencionais de diálogos com os pais sobre a temática, de maneira consistente e sem superficialidade. Ademais, a necessidade de formação e atitude antirracista permeia todos os setores da escola.

Ao pontuarem sobre o PPP desatualizado e de atividades conjuntas na escola, e corroborando com as respostas sobre a Coderer, percebemos que um caminho interessante deveria ser retomado, no início de 2024, uma das ações da Coderer foi de iniciar o projeto “Escolas Antirracistas”, que contou com coordenadores e diretores de 60 unidades de ensino. A ideia do projeto era de orientar a construção de um plano de ação ao longo do ano letivo no combate ao racismo, que permaneceu sendo fomentado com formações aos docentes e o seminário de educação antirracista (Miranda, 2024a).

As palavras de uma das diretoras que participou do projeto nos faz refletir da importância dessa parceria entre gestão da escola e da SEMEC:

Nós da escola temos que receber o projeto Escolas Antirracistas e desenvolvê-lo com os nossos estudantes para que eles criem uma consciência e sirvam de modelo para sociedade. A escola sozinha não dá conta, esse reforço da Coderer é fundamental. (Miranda, 2024a, p. 1)

Ainda que na gestão anterior, a Coderer possa não ter alcançado todos os profissionais de educação da SEMEC, foi nela que houve um maior fomento da prática antirracista na formação de professores, inclusive com curso de aperfeiçoamento para professores em Educação para Relações Étnico-raciais, em parceria com o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Diversidades (NEAD), do Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus Belém.

A gestão atual precisa retomar as boas práticas feitas na gestão anterior, e ampliar elas para uma maior implementação de uma educação antirracista na SEMEC. Os entrevistados pontuam sobre formações continuadas, capacitações específicas, acervo bibliográfico específico e a valorização dos professores de educação física, tendo em vista que na gestão anterior o DEEF foi enfraquecido e apagado.

A educação física da SEMEC necessita ser valorizada, desde um departamento atuante até as estruturas físicas e de materiais para as aulas, para assim ser um fator de relevância na educação dos alunos e na contribuição educacional e profissional comunidade da escolar municipal. As práticas pedagógicas antirracistas necessitam de formações contínuas e específicas, uma possibilidade foi aberta com a fala de um dos entrevistados, com respeito a compartilhamento de materiais adequados a temática, desde livros teóricos até estudos práticos com obras que propagam as culturas corporais africanas e indígenas.

As indagações finais sobre obras antirracistas são caminhos possíveis para educar em formações os profissionais de educação física, tendo em vista que há evidências que comprovam a eficácia da utilização de obras antirracistas para a formação docente como retratam os estudos de Alencar et al. (2024), Bonfante e Silva (2024) e Torres et al. (2024), possibilitando aos docentes desenvolver estratégias pedagógicas mais sensíveis às questões raciais e criar um ambiente escolar mais justo e acolhedor.

Além disso, os estudos práticos podem alinhar as diversas manifestações da cultura corporal antirracistas para serem reproduzidas nas escolas, não apenas em datas que remetam as culturas africanas e indígenas, mas sendo possível o uso diário, em variados tipos de conteúdo. Promover atividades que evidenciem a história e as contribuições de diferentes grupos étnico-raciais na construção do esporte e da cultura física. Por exemplo, o uso de brincadeiras e jogos é algo comum nas aulas de educação física, e por que não usar de forma intencional no combate antirracista?

Brincadeiras e jogos das culturas africanas e indígenas são recursos possíveis de usar em aulas de educação física, entretanto, seu uso deve ser feito não como uma simples brincadeira, mas com uma implementação de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade cultural e racial. Nas obras como as de Patricia dos Reis (2020)⁴ e de Helen Pinto, Luciana Soares e Míghian Danae (2022)⁵ descrevem com maestria práticas corporais para serem trilhadas nos caminhos possíveis da educação física antirracista.

Com respeito a gestão escolar, os caminhos se fortalecem quando ações são feitas em conjunto, como um ditado africano diz “se quiser ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado.”. Existem ações que podem ser feitas de maneira independente da SEMEC, como debater sobre a educação antirracista em reuniões pedagógicas, conduzir com seriedade casos de racismo na escola, fazer formações antirracistas para a comunidade escolar, trabalhar a temática antirracista para além das datas tradicionais da cultura africana e buscar possibilidades de decolonizar nos variados eventos escolares anuais, assim como Carine (2023) indica em sua obra falando sobre o calendário da Escola Afro-brasileira Maria Felipa.

Criar um ambiente escolar que valorize a diversidade e combata o racismo requer o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo estudantes, professores, gestores e familiares. Ações integradas, como campanhas de conscientização, eventos culturais e projetos de inclusão, fortalecem a cultura de respeito e igualdade racial na escola. O antirracismo na escola não pode apenas viver em uma ideia, mas sim de acontecimentos e realizações dentro dos caminhos possíveis.

5. Considerações finais

A construção de uma educação física antirracista na rede pública de ensino municipal de Belém se revela como um processo urgente e desafiador, mas também possível e necessário. Os dados levantados neste estudo evidenciam que, apesar das dificuldades estruturais, da descontinuidade de políticas públicas e da ausência de formações permanentes, há intencionalidade, resistência e práticas pedagógicas que sinalizam caminhos para a transformação.

Os relatos dos entrevistados demonstram que o enfrentamento ao racismo precisa ser sistematizado e sustentado por políticas educacionais coerentes, formações continuadas específicas, valorização profissional e uma gestão comprometida com a equidade racial. A escola, como microcosmo da sociedade, deve assumir sua responsabilidade histórica de não apenas reproduzir saberes, mas de formar sujeitos críticos e conscientes, capazes de transformar realidades.

Nesse sentido, a educação física, com sua potência cultural, corporal e social, deve ser compreendida como um espaço estratégico para a promoção da justiça racial e da valorização das identidades negras e indígenas. As práticas corporais, os jogos, as lutas, as danças e os esportes, quando mediados com intencionalidade pedagógica, podem ser ferramentas de resistência e emancipação.

Como nos ensina o provérbio Akan, “*Nea onnim no sua a, ohu*” – aquele que não sabe pode aprender –, este trabalho se firma na esperança de que o conhecimento, aliado à ação, possa transformar as estruturas excludentes da educação. O combate ao racismo na educação física não deve ser pontual ou episódico, mas constante, profundo e coletivo.

Por fim, é fundamental reconhecer que este trabalho não esgota a temática, mas sim a alimenta. A urgência de se aprofundar teorias, registrar experiências pedagógicas e construir metodologias comprometidas com a equidade racial torna indispensável a continuidade das pesquisas sobre educação física antirracista, para aprofundar reflexões, qualificar práticas e fortalecer o compromisso com uma educação pública mais justa e inclusiva.

⁴ Manual bilíngue de jogos e brincadeiras indígenas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8116>. Acesso em: 02 ago. 2025

⁵ Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Disponível em: <https://anansi.ceert.org.br/publicacao/2>. Acesso em: 02 ago. 2025

Referências

- Afro & África (2012). *Nea onnim no sua a, ohu - simbologia adinkra*. <https://claudiozeiger.blogspot.com/2012/02/nea-onnim-no-sua-ohu-simbologia-adinkra.html>
- Alencar, C., Oliveira, M. C., Oliveira, T., & Gomes, S. (2024). Como ser um educador antirracista no contexto da rede municipal de ensino de Fortaleza: um relato de experiência. In *Anais do X CONEDU*. Realize. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/113165>
- Almeida, S. L. (2019) *Racismo estrutural*. Jandaíra.
- Alvarez, J. (2025, 23 de janeiro). Câmara aprova proposta que facilita reforma administrativa na prefeitura de Belém. *Globo G1*. <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/01/23/camara-aprova-proposta-que-viabiliza-reforma-administrativa-na-prefeitura-de-belem.ghtml>
- Belém. (1994). *Lei nº 7.685/1994, de 17 de janeiro de 1994*. <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/583334/lei-7685-94>
- Belém. (2022). *Lei nº 9.769, de 09 de maio de 2022*. <https://cmb.pa.gov.br/lei-9769-2022-de-09-de-maio-de-2022/lei-ordinaria-no-9769-de-09-de-maio-de-2022/>
- Belém. (2023). *Lei nº 9.969, de 20 de novembro de 2023*. <https://cmb.pa.gov.br/lei-no-9969-2023-de-20-de-outubro-de-2023/lei-ordinaria-no-9969-de-20-de-novembro-de-2023/>
- Bonfante, V., & Silva, M. R. (2024). “Crianças não nascem racistas”: a formação docente na efetivação de uma educação antirracista desde a creche. *Revista Docentes*, 9(32), 18-30. <https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/1063>
- Brasil. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: educação física*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2003). *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm
- Brasil. (2004). *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2008). *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Ministério da Educação.
- Carine, B. (2023). *Como ser um educador antirracista*. Planeta Brasil.
- Corrêa, D., & Rodrigues, P. (2021). Reconhecer para enfrentar: práxis pedagógica antirracista na educação física escolar. *Motricidades*, 5(3), 294–307. <https://doi.org/10.29181/2594-6463-2021-v5-n3-p294-307>
- Cunha, A., Amorim Júnior, J., & Andrade-Duvernoy, D. (2022). Educação das relações étnico-raciais e bncc: descontinuidade e silenciamento. *Anais VIII EPEPE*. Realize. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83607>
- Dias, E. G., & Mishima, S. M. (2023). Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. *Revista Sustinere*, 11(1), 402–411. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2023.71828>
- Formoso, F., Souza, B., & Santos, F. (2022). Currículo cultural da educação física e educação antirracista: um olhar descolonizador. *Temas em educação física escolar*, 7(1), 01-17. <https://doi.org/10.33025/tefe.v7i1.3417>
- Galeano, E. (2000). *As veias abertas da América Latina*. Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista administração de empresas*, 35 (3), 20-29. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>
- Globo G1. (2023, 15 de agosto). *Ambiente escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo, diz pesquisa*. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>
- Leitão, C. (2021). A entrevista como instrumento de pesquisa científica em informática na educação: planejamento, execução e análise. In M. Pimentel, & E. Santos, (Coord.) *Metodologia de pesquisa científica em informática na educação: abordagem qualitativa*. 3 (part. 2, pp. 1-28. Sociedade Brasileira de Computação. <https://ceie.sbc.org.br/metodologia/livro-3/>

- Miranda, L. (2024a, 27 de fevereiro). Prefeitura realiza formação permanente para mais de 60 unidades do projeto “Escolas Antirracistas”. *Educação Belém*. <https://educacao.belem.pa.gov.br/prefeitura-realiza-formacao-permanente-para-mais-de-60-unidades-do-projeto-escolas-antirracistas/>
- Miranda, L. (2024b, 31 de outubro). Seminário debate implementação da educação antirracista na rede municipal. *Agência Belém*. <https://agencia.belem.pa.gov.br/seminario-debate-implementacao-da-educacao-antirracista-na-rede-municipal/>
- Moreira, A. (2019). *Racismo recreativo*. Pólen.
- Nobrega, C. (2020). Por uma educação física antirracista [Special number]. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 34, 51-61. <https://doi.org/10.11606/1807-5509202000034nesp051>
- Oliveira, T. (2022, 25 de maio). Professores da rede municipal recebem formação permanente em educação antirracista. *Agência Belém*. <https://agencia.belem.pa.gov.br/professores-da-rede-municipal-recebem-formacao-permanente-em-educacao-antirracista/>
- Pinto, H., Silva, L., & Danae, M. (2022). *Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras*. Aziza.
- Ponto de Pauta. (2025a, 21 de janeiro). *Retropasso na representatividade negra e de gênero na gestão de Belém: apenas 31% das titulares são mulheres*. <https://pontodepauta.com/2025/01/21/retropasso-na-representatividade-negra-e-de-genero-na-gestao-de-belem-apenas-31-das-titulares-sao-mulheres/>
- Ponto de Pauta. (2025b, 23 de janeiro). *Majoria dos vereadores autoriza Igor a realizar reforma administrativa por decreto; veja a votação e qual é a proposta*. <https://pontodepauta.com/2025/01/23/majoria-dos-vereadores-autoriza-igor-a-realizar-reforma-administrativa-por-decreto-veja-a-votacao-e-qual-e-a-proposta-1/>
- Ponto de Pauta. (2025c, 20 de março). *Igor Normando celebra desmonte da educação municipal em Belém*. <https://pontodepauta.com/2025/03/20/igor-normando-celebra-desmonte-da-educacao-municipal-em-belem/>
- Portal Olavo Dutra (2025, 19 de fevereiro). *Prefeitura de Belém rasga contrato com editora e deixa de comprar livros de escritores paraenses*. https://www.portalolavodutra.com.br/materia/prefeitura_de_belem_rasga_contrato_com_editora_e_deixa_de_comprar_livros_de_escritores_paraenses
- Reis, P. R. (2020). *Interculturalidade e sustentabilidade: jogos e brincadeiras indígenas na Educação Física escolar* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Amazonas]. Universidade Federal do Amazonas.
- Sanches, L., & Venâncio, L. (2022). A educação física antirracista e a luta por visibilidade dos/as afro-latinos/as como desafio curricular. *Revista fórum identidades*, 36(1), 133–146. <https://doi.org/10.47250/forident.v36n1.p133-146>
- Santos, K. O. (2022). Qual o lugar das relações étnico-raciais na base nacional comum curricular?. *Eccos Revista Científica*, 60(e21730). <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.21730>
- Silva, A., & Silva, C. (2021). A base nacional comum curricular e a educação étnico-racial na promoção de uma educação antirracista. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*. 13(30), 553-570. <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1056>
- Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista. (2023). *Pesquisa inédita encomendada pelo Projeto Seta e Instituto Peregum revela racismo como principal fator de desigualdades*. <https://projetoseta.org.br/noticia/pesquisa-inedita-encomendada-pelo-projeto-seta-e-instituto-peregum-revela-racismo-como-principal-fator-de-desigualdades/>
- Soares, C. L. (1994). *Educação física: raízes europeias e Brasil*. Autores Associados.
- Torres, M. N., Torres, M. E., & Oliveira, K. (2024). Caminhos e desafios para educação antirracista nos anos iniciais: relato de experiência. In *Anais do X CONEDU*. Realize. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/110060>
- Wilkerson, A., & Bordallo, A. (2025, 12 de fevereiro). Pará gasta meio bilhão com grupo ligado a doador de campanha de secretário de educação. *Intercept Brasil*. <https://www.intercept.com.br/2025/02/12/para-educacao-secretario-contratos/>